

QUATRO TEÓLOGOS DE ÉVORA E A PARÓDIA AO CANTO PRIMEIRO DE *OS LUSÍADAS*

Sheila Moura Hue

UERJ

De quem a lingoa é tal, se o copo empina,
Que ora parece grega, ora latina.

Festas bacanais – Conversão do primeiro canto de Os Lusíadas

RESUMO:

Este artigo versa sobre uma paródia ao primeiro canto de *Os Lusíadas*, escrita em 1589, por quatro estudantes de teologia da Universidade de Évora, relacionando-a a recepção da obra camoniana no último quartel do século XVI.

PALAVRAS-CHAVE:

Luís de Camões; *Os Lusíadas*; paródia; recepção da obra camoniana

ABSTRACT:

The object of this paper is a parody of the first canto of *Os Lusíadas*, written in 1589 by four Theology students at Universidade de Évora, and its significance in the Camões' reception during the last period of the XVI th century.

KEYWORDS:

Luís de Camões; *Os Lusíadas*; parody; reception of Camões' epic poem

Ao tempo de Faria e Sousa ainda era célebre essa curiosa composição em que o canto I de *Os Lusíadas* é parodiado – com o mesmo esquema rímico e rimas quase totalmente iguais – por quatro estudantes de teologia em Évora. Comentando o soneto camoniano “Ilustre Gracia, nombre de uma moça”, imitação jocosa de um soneto de Garcilaso, Faria e Sousa faz o seguinte comentário:

[...] No sin gracia acomodó el Soneto de Garcilasso a una muger infame, siendo él escrito a una Senora de ilustres méritos. Es de advertir que loque mi P. hizo con aquel Soneto de Garcilasso, passandole de tanta gravedad a tanta picardia, hizo outro Ingenio Portugues con el Canto I. de su Lusíada, intitulandole la *Borrechera*, porque celebra en el a algunos grandes aficionados del vino; y las

más de las otavas son bueltas a este proposito con gran felicidad. Quiero dexar aqui un exemplo de la estancia I.

[...]

El canto segundo continuó (y no com menos felicidad) Antonio de Magallanes y Meneses senhor de la Ponte da Barca, que este ano de 1645, aqui em Madrid me refirio algunas estancias. Yo quando em mi mocedad atendia a esto, bolvi tambien algunas, de que se me acuerdan los primeiros quatro versos de la 90. del canto 5. que son,

Da boca do fecundo borrachão
Pendendo estavam todos bem bebidos,
Quando deu fim a longa inundaçãõ
Dos altos copos grandes, e subidos (FARIA E SOUSA, 1972, p. 354).

E ainda à época em que o padre João Bautista de Castro escreve os vários volumes de seu *Mappa de Portugal antigo e moderno*, em meados do século XVIII, a paródia ao canto I era, ao que parece, bem conhecida. Vejamos o que diz o enciclopedista a respeito de Bartolomeu Varella, um dos jovens teólogos que em 1589 divulgaram em cópias manuscritas a paródia que vinham compondo em segredo:

Bartholomeu Varella teve especial dom para o estilo jocoso, em que fez algumas obras que não viram a luz pública, mas correm pelas mãos de curiosos como estimação, entre as mais é mui célebre a conversão do primeiro canto de Camões ao burlesco pelos mesmos consoantes, e número de oitavas com muita felicidade. (CASTRO, 1762/ 1763, p. 185).

Com o título geral de *Festas bacchanaes: conversão dos primeiro cantos dos Lusíadas do grande Luiz de Camões/vertidos do humano em o de-vinho/ por uns caprichosos*, a paródia circulou em manuscritos por aproximadamente três séculos – tanto Faria e Sousa quanto João Bautista de Castro conheceram o texto em manuscrito –, o que não impediu sua difusão entre os eruditos interessados neste tipo de matéria burlesca, e só veio a ser publicada no século XIX.¹ Alguns desses manuscritos se conservaram e pudemos vê-los na Biblioteca Nacional de Lisboa. Têm entre si muitas diferenças textuais, causadas pelos vários acrescentos e mudanças que seus quatro autores, e seus muitos leitores, foram impingindo às cópias que se seguiram.

Esse tipo de matéria, que não chegou às tipografias do século XVI, e da qual temos tão pouca notícia, parece ter sido apreciada na época, como atesta a popularidade que a paródia alcançou tão logo foi lançada. Costumeiramente, parece mais característico do século XVII o gosto por composições satíricas. Uma bela exceção é o poeta Fernão Rodrigues Lobo Soropita, um grande escritor de textos satíricos ainda no século XVI.

¹ A primeira edição, do Porto, data de 1845, e a segunda, impressa em Lisboa, é de 1880.

Em meio a tanta poesia religiosa, ou seriíssima, escrita e publicada no último quartel de Quinhentos, na qual só encontramos algum humor e picardia nos poemas em medida velha – e as composições cômicas de Soropita são aqui uma salutar e divertida exceção – uma paródia como esta, inteiramente votada à exaltação da bebida, indica que outras composições do gênero deviam correr em manuscritos.

Borrachas, borrachões assinalados,
Que de Alcochete junto a Villa Franca,
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda alem de Peramanca:²
Em pagodes, e ceias esforçados,
Mais do que se permite a gente branca,
Em Evora cidade se alojaram,
Onde pipas e quartos despejaram:

Tambem as bebedices mui famosas
Daquelles que andaram esgotando
O imperio de Baccho, e as saborosas
Agoas do bom Louredo devastando;
E os que por bebedices valerosas
Se vão das leis do reino libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar Baccho, e não Marte. (FREIRE, 1845, p. 2-3).

Não deixa de ser curioso que, escrita numa época em que vigoravam as restrições intelectuais impostas pelo Concílio de Trento, e aplicadas, em Portugal, no que diz respeito aos livros (impressos ou manuscritos), por frei Bartolomeu Ferreira – autor da seção portuguesa do índice de 1581 –, os autores dessa ingênua mas desbragada paródia são todos estudantes de teologia, tendo um deles chegado a Inquisidor Geral.

E era à saída das aulas de teologia que os então jovens Manuel do Valle de Moura – futuro doutor em teologia pela Universidade de Évora, arcebispo dessa diocese e Inquisidor Geral, autor de obras como o *De Encantationibus et Ensalimis* e, segundo Barbosa Machado, de uma *Ilustração à primeira Ode de Camões* –; Bartolomeu Varella, clérigo e poeta; Luís Mendes de Vasconcelos – que viria a ser criado do arcebispo D. Teotônio de Bragança, e autor de um único verso da paródia –; e o licenciado Manuel Luis Freire, o mais ativo colaborador da obra, reuniam-se à tarde, num ferrageal, nos arrabaldes da cidade, e se dedicavam a converter cada verso de *Os Lusíadas* não ao divino, como seria de se esperar, mas ao “de-vinho”, glorificando os então célebres bebedores da cidade de Évora, figuras épicamente ébrias, que deviam gozar de muita popularidade entre os estudantes.

² Faria e Sousa consultou um manuscrito diferente do usado para a edição de 1845, já que registra uma outra versão: “E borrachoens assinalados,/ Que de Alcouchete para Villafranca,/ Por vinhos nunca de outrem navegados,/ Passarão ainda alem de Peramanca”, etc.

Cessem do Novellão, do gran Barbança
As grandes bebedices que fizerão;
Cale-se do Rangel e do Carrança
A multidão dos vinhos que bebêram,
Que eu canto d’outra gente e d’outra lança,
A quem frascos de vinho obedeceram:
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro beber mais alto se alevanta.
[...]

E vós, Fernan Gonçalves, segurança
Das festas de Lyeo em esta idade,
Podeis atravessar com confiança
Quantas adegas há nesta cidade:
Vós mano, nosso amor, nossa esperança,
A quem só promettemos lealdade,
Pois Baccho a nós vos deo por cousa grande,
Seja a medida assim de quem a mande. (FREIRE, 1845, p. 3-4).
[...]

Ouvi, que não vereis com vans façanhas
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas de engrandecer-se desejosas:
Bebedices dos vossos são tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas,
Que excedem ao primeiro vinhateiro,
E a Baccho inda que fora verdadeiro.

Por estes vos darei um Claudio fero,
Que fez a Peramanca tal serviço,
Um fulano Coutinho que de mero
A borracha para elle só cubiço.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Uns doze que sobre um pobre chouriço
Entornaram tão rijo que de cama
Um monte lhes servio d’esterco e lama. (FREIRE, 1845, p. 6).

A paródia foi composta em segredo, durante dois meses, como nos conta Francisco Soares Toscano em sua sucinta “Notícia” (escrita em 1619 e impressa na edição de 1845), e obteve boa acolhida quando foi divulgada, inclusive entre os religiosos:

Finalmente, sahida a obra, foi muito festejada e estimada de todos; e lendo-a o Padre Ferrer, castelhano (varão doutissimo da Companhia, do qual o Dr. Manuel do Valle traz uma carta no seu livro) e falando-se nella, costumava dizer, que era a melhor obra que nunca sahira nem elle vira, se não fosse tão suja. (TOSCANO, “Notícia” in FREIRE, 1845, p. XII).

Pelo que diz Faria e Sousa, o exercício poético tão bem executado pelos quatro teólogos de Évora, no que diz respeito à rima e ao metro, teve outros seguidores, e *Os Lusíadas* devem ter servido de modelo para muitas paródias “borrachas”, compostas por

seriíssimos e eruditos senhores, como o próprio Faria e Sousa. Entre os leitores desta matéria constava também o grande intelectual que foi Manuel Severim de Faria, que deixou um manuscrito – que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa – intitulado “A vida do grande Luis de Camões com matérias que se não acham em edições impressas” que contém uma “Glosa dos Lusíadas” e também a nossa “Paródia ao primeiro canto dos Lusíadas”.³

Portanto, as *Festas bacchanaes* foram muito apreciadas na época, e também no século seguinte – em que já eram mais frequentes as composições satíricas, como as de Diogo de Sousa, autor das “Cortes de Apolo”, e grande admirador de Camões – não só pela sua, digamos assim, perfeição formal, mas também por seu divertido conteúdo, tornando-se, como vimos, espécie de modelo para outros “cometedores” poéticos dedicados, ao menos intelectualmente se não pragmaticamente, aos louvores de Baco.

A paródia dos jovens estudantes não tem a intenção de ridicularizar ou depreciar o objeto parodiado. Como bem explica o anônimo apresentador da edição de 1845, a paródia era então vista e empregada como uma espécie de homenagem:

As honras da parodia só ás obras do genio costumão conceder-se. A divina *Iliada* foi parodiada em um poema heroi-comico tão antigo, que geralmente se atribui ao proprio Homero [...]. Nesse poema, intitulado a *Batrachomyomachia*, a terrível lucha dos Gregos e Troianos é reproduzida no maravilhoso combate dos ratos e das rans. [...]

A grande obra do único homem de genio que talvez tenha produsido a nossa terra, não podia isentar-se deste fado inherente ás grandes celebridades. Erão apenas passados dezoito anos depois da publicação dos *Lusíadas* – ainda a reputação de Camões não estava consagrada pelos séculos, quando alguns homens engenhosos comprehenderão que aquella obra immortal era uma daquellas a que a parodia era devida. (TOSCANO, “Notícia” in FREIRE, 1845, p. III-IV).

Os Lusíadas não são parodiados no tema, não são alvo de crítica, mas usados como modelo de imitação e como desafio poético: a ideia era compor versos pelos mesmos consoantes, usando por vezes muitas das palavras originais; daí a ideia de “converter” o poema, vertê-lo não a outro idioma, mas a outro tema, o da “bebedice”. A paródia escrita em 1589 é hoje de leitura surpreendente, mas um pouco tediosa, pois a coerência narrativa não é exatamente um primor. Como observa o anônimo apresentador da edição de 1845: “Parece que seus colaboradores tinham principalmente em vista inverter ao *de-vinho* cada verso que entrava em discussão, sem attender á coherencia do todo”. (TOSCANO, “Notícia” in FREIRE, 1845, p. V).

³ Manuscrito que, infelizmente, não pudemos consultar. Francisco Soares Toscano, na “Notícia” que escreve em 1619, diz que a cópia que prefacia foi tirada de um manuscrito “do próprio original e letra de Bartholomeu Varella, que está em poder do Chantre da Sé desta cidade Manoel Severim de Faria”.

No que toca à recepção da obra de Camões, a paródia reflete que em 1589 o poema já é um modelo, se não para verdadeiros poemas épicos, pelo menos para eruditos e humorísticos exercícios poéticos. O poema estava então, poder-se-ia dizer, na boca do povo ou, pelo menos, na boca, e na ponta da língua, dos estudantes de Évora.

REFERÊNCIAS:

CASTRO, João Bautista de. *Mappa de Portugal antigo e moderno pelo padre João Bautista de Castro*. Partes III e IV. Lisboa: Typografia do Panorama, 1762-1763.

FARIA E SOUSA, Manuel de. *Rimas várias de Luís de Camões: comentadas por Manuel de Faria e Sousa*. Primeira Parte. Edição comemorativa. Prefácio de Jorge de Sena. Lisboa: IN-CM, 1972.

FREIRE, Manoel Luís *et alli*. *Paródia ao primeiro canto dos Lusíadas de Camões. Festas bacchanaes: conversão do primeiro canto dos Lusíadas do grande Luiz de Camões, vertidos do humano em o de-vinho, por uns caprichosos. Autores: Dr. Manoel do Valle, Bartholomeu Varela, Luiz Mendes de Vasconcellos e o licenciado Manoel Luiz. Anno de 1589*. Porto: Typographia da Rua Formosa, 1845.

MINICURRÍCULO:

Sheila Moura Hue é professora visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e diretora-adjunta da *Revista Camoniana*. Publicou uma série de artigos e de edições, entre elas a *Primeira história do Brasil*, de Pero de Magalhães de Gândavo (2004), a *Antologia de poesia portuguesa – século XVI* (2005), e os *Diálogos em defesa e louvor da língua portuguesa* (2007), de João de Barros e Gândavo.